

## VII

Permitam que recapitule em poucas palavras a situação do argumento no qual estamos empenhados. O nosso ponto de partida era a teoria de conhecimento com a sua problemática clássica da relação entre conhecedor e conhecido. Na tentativa de superarmos essa dificuldade tomamos Kant por base, porque todas as demais posições filosóficas parecem implicar, se radicalizadas, um ou outro tipo de ceticismo. A discussão da posição kantiana levou-nos a identificar as categorias da realidade e do conhecimento com as regras da língua. Esta identificação sugeriu uma teoria de conhecimento, de acordo com a qual conhecimento seria anterior ao conhecedor e conhecido. Em outras palavras: conhecedor e conhecido seriam dois aspectos do processo do conhecimento. Outras considerações levaram nos a identificar esse conhecimento com o discurso da língua. Extrapolamos em seguida o problema para o campo da ontologia, no qual o conhecido passou a chamar-se "mundo externo", e o conhecedor "eu". O nosso argumento procurou portanto tornar plausível a idéia de que mundo externo e eu são dois aspectos do discurso, ontologicamente posteriores a ele. No curso do nosso argumento surgiram várias dificuldades, relacionadas especialmente com a multiplicidade das línguas existentes. Dada a posição ontológica que a língua ocupava no nosso argumento, essa multiplicidade das línguas equivalia a uma fragmentação da realidade fundamental, o que chocava os nossos pre-conceitos parmenidianos. Na tentativa de salvar pelo menos uma aparência de unicidade, discutimos o problema da tradução tanto de um ponto de vista formal como existencial, e verificamos, nessa discussão, as limitações da língua como sendo uma realidade cercada pelo nada. Essa discussão levou-nos a considerar as situações fronteiriças da língua que identificamos, por análise existencial, com as situações da poesia. Estamos pois no seguinte ponto no nosso argumento: a realidade fundamental é a língua que se estabelece a partir do nada pela criação poética, (que é uma articulação desse nada), e essa língua tem os dois aspectos chamados "mundo externo" e "eu". Dada a multiplicidade de línguas, somos forçados a conceder que há tantos tipos de mundos externos e eus quantas línguas há, embora a possibilidade da tradução parece garantir uma certa ligação problemática entre essa diversidade de realidades. Prossigamos com o argumento.

É óbvio que, se dermos crédito ao argumento até aqui, somos obrigados a identificar análise linguística com análise ontológica, embora o termo "análise linguística" deva ter, obviamente, um âmbito mais amplo que aquele que tem no contexto logicista. Dedicarei hoje a discussão a consideração desse tipo de análise, e restringirei a discussão à língua portuguesa. Já disse que essa língua oferece ao analisador dois níveis de análise, a saber o nível da palavra e o nível da frase. É no fundo este característico que pretendemos ao chamar de "flexional" essa língua. No nível da palavra podemos distinguir, grosso modo, três tipos de palavras: substantivos e seus derivados, verbos e seus derivados, e palavras lógicas. No nível da frase podemos distinguir, grosso modo, três estruturas: sujeito, predicado e objeto. Como já discuti, levemente, o tipo de palavras chamadas "substantivos", e mais especialmente nomes próprios, pretendo iniciar esta análise pela consideração daquele tipo de palavra que chamei de "verbo".

Já disse que o verbo é o núcleo do predicado, e que, como a nossa língua é predicativa, é no verbo que descobriremos a estrutura da situação estabelecida pela frase. Definirei "verbo" como aquele tipo de palavras que indicam a maneira como o substantivo elevado a sujeito da frase se encontra (sich befindet). O verbo é flexionável de uma forma chamada "conjugação", e nessa flexão surgem duas formas, a finita e a infinita. Na forma finita distinguimos (1) pessoa, (2) número, (3) tempo, (4) modo e (5) gênero. Não considerarei a forma infinita, porque esta não passa de variante de substantivos, como por exemplo infinitivo, participio, gerundivo. O problema da substantivação dos verbos é complexo e talvez será discutido em outra oportunidade.

Em português existem efetivamente apenas duas pessoas: o eu e o outro. O eu é asexual, o outro tem dois sexos. Vestígios do tu e vós, e a tendência de eliminar esses vestígios do discurso caracterizam a nossa língua.

Em português existem dois números: o singular e o plural, já que o dual e o trial foram eliminados, e a massificação eslava de quatro nunca existiu. O tempo português, enormemente complexo e contrastante com a simplicidade das pessoas e dos números, tem, entre outras, as seguintes formas: presente, (dois), imperfeitos, perfeitos, plusquamperfeitos, futuros, futuros exatos, e vestígios do aorist.

Os modos portugueses são, aproximadamente, o indicativo, conjuntivo, optativo, imperativo e irreal. Por incrível que pareça para quem vem de línguas germânicas e eslavas, o modo de vir-a-ser não existe.

Os gêneros portugueses são depauperados para dois: ativo e passivo. E o próprio passivo tende a ser superado.

Se lançarmos um olhar sobre a talista aparentemente cansativa, mas efetivamente de importância fundamental para a análise da nossa realidade, verificaremos uma tendência mestra da língua portuguesa. É a de reduzir todas as características da Befindlichkeit do ser a duas: tempo e modo. Não creio que se pode exagerar a importância dessa descoberta feita ao primeiro lance de vista.

Mais umas poucas considerações quanto ao verbo. Em português existem alguns verbos auxiliares, por exemplo os verbos "ter", "ir", "haver", "estar", "ficar", e "ser", que dão uma estrutura toda característica à realidade portuguesa. Podemos distinguir ainda diversos aspectos do verbo, dos quais mencionarei apenas os intransitivos que não exigem objeto, e os transitivos que exigem objeto. Este objeto pode ser o próprio sujeito, quando se fala em verbo reflexivo. É óbvio que estes aspectos do verbo estabelecem estruturas diferentes de situações da realidade.

Quanto às palavras lógicas direi apenas, para não tornar esta exposição demasiadamente chata, que a sua simbolização pela lógica simbólica suprime toda a aura existencial que as rodeia e que caracteriza a língua portuguesa. Considerem por exemplo umas poucas formas do "se então" simbolizado pela flexão: "por causa de", "em virtude de", "graças a", "devido a", etc. E quanto aos substantivos recorde apenas que é possível reduzi-los a dois tipos: "nomes próprios" e "nomes de classes" cuja problematidade medieval já discutimos.

Se a minha argumentação tem alguma validade, esta classificação esboçada de palavras e seus aspectos deveria formar o ponto de partida para toda análise do ser digna desse nome. Não recuem os senhores que pretendo inicia-la aqui agora. É uma tarefa que ultrapassa o escopo de uma vida. Com efeito, a mim me parece ser esta a tarefa de uma filosofia do ser a ser instaurada no futuro. As palavras

e suas formas são as próprias pedras fundamentais das quais as situações da realidade irão constituir-se em forma de frase. Posso portanto agora voltar para uma discussão da frase, iniciada na nossa terceira reunião, mas suspensa por falta de elementos.

Os senhores se lembrarão que discuti a forma da frase no exemplo "João ama Maria". Disse, naquela ocasião, que esta frase estabelece uma situação de realidade e que chamarei doravante de "realidade" justamente aquela situação que a frase estabelece. Disse ainda que essa situação de a forma de um projeto, porque nela o predicado se projeta do sujeito para o objeto. Chamei esse projeto de "predicativo". Posso acrescentar agora que esse projeto de realização realiza as virtualidades dormentes nas palavras que compõe a frase, e que realiza apenas algumas dentre essas virtualidades. Digo ainda que pode apenas realizar aquelas virtualidades que as palavras abrigam, e não outras. Em outros termos: a frase é um projeto predicativo que realiza virtualidades abrigadas pelas palavras da língua portuguesa. O conjunto das frases é chamado "discurso da língua portuguesa", e o conjunto das suas realizações é chamado "mundo externo" conforme estabelecido pelo discurso em língua portuguesa.

O meu propósito hoje é discutir com os senhores a dinâmica que propela os projetos predicativos que são as frases. Para tanto torna-se necessária primeiro a consideração do termo "projeto". Estou, com este termo, procurando traduzir para o português a palavra alemã "Entwurf", que é um dos conceitos fundamentais do existencialismo. Discuti levemente esse conceito em conjunto com a poesia. Para o pensamento existencial toda realização é um virar-se contra o fundamento do meu ser que me lançou para cá e rumo à morte. Esse virar-se contra a sua própria origem é um "Entwurf", um des-jetar-se. É neste sentido que emprego o termo "projeto". Nessa minha virada contra a minha origem separo-me dela, distancio-me dela, crio um abismo entre mim e a minha origem, para depois lançar-me contra ela. O que faço, nessa virada, com efeito, é transformar a minha origem em meu objeto, a mim mesmo em sujeito, e o meu lançar-se em predicado. Nessa minha virada contra minha origem estou empenhado num projeto que é, no fundo a frase padrão da minha língua. A minha decisão de não decair rumo a morte, de opor-me ao meu fundamento inarticulado e impôr-me sobre ele, é no fundo a minha decisão de empenhar-me no discurso da minha língua. Para falarmos existencialmente: a minha decisão de ser eu mesmo, de en-contrar-me a mim mesmo, e de realizar-me como uma existência autêntica, é no fundo a minha decisão em prol da conversação, em prol do pensamento. É apenas na conversação que me realizo, e é portanto apenas no pensamento e com o pensamento que me projeto. Como os senhores vêm, a nossa análise da frase, se aplicada ao contexto existencial resulta em conclusão exatamente oposta aquelas às quais chegam os existencialistas. Uma análise da frase, que é uma análise do pensamento, válida existencialmente o pensamento como o único projeto autêntico, e resulta em intelectualismo criativo, ao invés de resultar, como o faz nos existencialistas em anti-intelectualismo.

A dinâmica que propela o projeto predicativo que é a frase é portanto a da minha decisão de não decair e dizer não a morte. Todo discurso, todo esse elo majestoso de frases, é, no fundo, um único gigantesco "não" à morte. Neste sentido é o discurso uma cadeia de projetos negativos. Li em Ayer e em Vicente Ferreira da Silva que todas as formas lógicas podem ser reduzidas a uma forma de "não" e que portanto é possível provar formalmente que o discurso é um projeto negativo. O prof. Leônidas confirmará ou refutará essa afirmativa. Mas não é necessário

provar formalmente o que vivenciamos se formos atentos àquilo que acontece quando pensamos: a saber pensamos contra a morte. No fundo a morte é o nosso assunto exclusivo, e tudo que falamos é para negarmos a morte. Posso portanto definir a frase como projeto predicativo contra a morte.

Se aceitarmos esta definição, teremos uma base para uma análise existencial do discurso. Disse que a frase é um projeto predicativo. Já discuti o conceito do predicar no contexto formal, no qual defini a predicção como a explicitação progressiva de nomes próprios em direção de nomes de classes. No presente contexto posso acrescentar que a predicção é uma negação do nome próprio, porque esvazia progressivamente o seu significado. O discurso é uma cadeia de projetos predicativos contra a morte, porque ao predicar nomes próprios por verbos, esvazia esses nomes próprios de significado e os estabelece em situações de realidade de acordo com as virtualidades contidas nos verbos. A morte se nos apresenta, neste contexto, como aquilo que está por trás do nome próprio a saber como aquela nada do qual o nome próprio tem sido haurido pela poesia. O discurso é uma crítica dos versos propostos para cá pela poesia, no sentido de afastar o pensamento da situação de limite do nome próprio, e esta situação é, em última análise, o confronto com a morte. Predicando progressivamente, o discurso se afasta da situação de fronteira com a morte, e neste afastar progressivo cria realidade. A realidade é a capa protetora que o discurso estabelece em seu redor no curso do seu progresso, para tapar, ("vorstellen") o seu assunto negativo, que é a morte. Neste sentido, como um afastamento da situação de fronteira, é o discurso uma crítica de versos da poesia prosaica. Posso portanto completar a minha definição da frase da seguinte maneira: é ela um projeto predicativo contra a morte pela prosaização progressiva. A medida da prosaização é o estabelecimento de situações de realidade.

Se tentarmos resumir num único termo este projeto predicativo contra a morte pela prosaização progressiva, este termo será "a dúvida". A nossa análise formal e existencial da frase é, no fundo, uma análise da dúvida. A dúvida é a "Befindlichkeit" na qual nos encontramos na nossa decisão de negarmos a morte. É a dúvida tem a estrutura e o clima da frase. O nosso projeto existencial, pelo qual nos realizamos e pelo qual estabelecemos situações de realidade é a nossa dúvida naquilo que nos lançou para cá, e tem a forma e o clima de frases. Com efeito, ao dizer Descartes que somos uma coisa pensante, o que afirma é que o nosso projeto é a predicção de nomes próprios por verbos em direção de nomes de classes, e que somos portanto uma coisa que duvida. A nossa dúvida é um projeto criador, na medida em que prosaiza, isto é estabelece situações de realidade. Mas é um projeto fechado, porque pode apenas realizar virtualidades contidas nos verbos. A renovação desse projeto, o aparecimento de novas virtualidades de realização, não é possível pelo discurso. Não podemos, se empenhados no discurso, abrir novos projetos de realização. Essa renovação vem até nós pelos versos da poesia, que lança sempre novos nomes próprios sobre o discurso e que os predica em verbos sempre novos. Em outras palavras: a poesia fornece sempre novos assuntos para serem discutidos, isto é duvidados e transformados em situações de realidade. O discurso é uma conversação progressiva e prosaizante de versos em situações de realidade. Em última análise, no entanto, são todos os assuntos que a poesia põe para cá para serem duvidados articulações da negação da morte.

Para não deixar pairar o assunto que lhes estou desenvolvendo no terreno da teoria, proponho uma rápida consideração daquele discurso no qual estamos empenhados como participantes daquela conversa chamada "civilização do Ocidente". Considerarei apenas a sua última fase que se inicia com o Renascimento. A "Befindlichkeit" do Renascimento, a maneira como o homem se encontrava a si mesmo nesse estágio da nossa conversação, era caracterizada pela abertura de novos projetos.

Os assuntos contidos nos versos da Bíblia e de Aristóteles se tinham prosaizado em alta medida e não davam mais margem para realizações predicativas. A conversação a respeito desses assuntos começava a ser repetitiva, isto é, conversa fiada. Neste instante surgiram novos versos a serem duvidados, portanto novas aberturas para a pregação progressiva. O assunto dos versos novos era a circunstância na qual o homem se encontrava. Essa circunstância não tinha sido o assunto dos versos medievais, e neste sentido era um assunto novo. O Renascimento dirigia a sua dúvida contra a sua circunstância, e não mais contra si próprio, contra a "alma" que tinha sido o assunto dos versos anteriores. A dúvida dirigida contra a circunstância transformou essa circunstância em assunto, isto é em algo objetivo chamado "natureza". Dessa dúvida metódicamente predicativa surgiu aquele discurso chamado "ciências da natureza". A Befindlichkeit do Renascimento era justamente essa dúvida criadora que tinha a natureza por assunto. Os nomes próprios dos versos que puseram a natureza para cá eram doravante objetos, e os verbos que predicavam esses nomes próprios em direção de classes eram a maneira como esses objetos podiam dar-se. Esta estrutura das frases renascentistas estabeleceu situações da realidade que podemos chamar de "mecanismo". A primeira proeza dos versos do renascimento resultou num conjunto de situações de realidade no qual a circunstância tinha sido realizada em mecanismo. Estabelecida essa situação, a conversação se encontrava numa nova Befindlichkeit, chamada "barroco". O assunto do Barroco já era prosaizado, era a natureza como mecanismo. A progressiva pregação desse assunto tendia a simplificar esse mecanismo e resultou na realização de um conjunto de situações de realidade que podemos chamar de "aparelho simples". Nesse conjunto de situações a conversação se encontrava naquela Befindlichkeit chamada "iluminismo". Neste instante a conversação se achava no perigo de esgotar o assunto e cair naquela conversa fiada então chamada "preciosismo". Nesse estágio da conversação foi introduzido um novo verbo que deu ao assunto antigo uma nova estrutura. Era o verbo "to become" ou "warden". O discurso começou a reformular todas as suas frases com este verbo, a começar pelo seu nível matemático, e mais tarde em todos os seus níveis, e dessa reformulação surgiu um novo conjunto de situações de realidade que podemos chamar de "organismo". Nesse conjunto a conversação se encontrava numa nova Befindlichkeit chamada "romantismo". A partir desse estágio da conversação foram eliminados progressivamente todos os verbos menos este, e com este verbo foram predicados os nomes próprios para nomes de classes sempre mais amplas. É óbvio que este progresso do discurso não se desenvolveu paralelamente em todos os níveis do discurso, mas em alguns níveis a prosaização e realização alcançou um estágio, no qual a dúvida não tem mais assunto. Encontramo-nos atualmente a nós mesmos num conjunto de situações de realidade sem assunto, isto é sem significado, e este clima pode ser chamado de "absurdo". O verbo "to become", (ou como dizemos a maneira processual de estabelecerem-se situações de realidade) predica nomes de alto grau de generalidade, o que confere a nossa situação uma qualidade abstrata e teórica, e tende a transformar as nossas frases em tautologias, especialmente no campo da mecânica e outras ciências rigorosas. O esgotamento

do assunto, a impossibilidade da dúvida fixar-se sobre um assunto, faz reaparecer a morte como a situação de limite, e por não podermos duvidar decaímos rumo a ela. Estamos necessitando de novos poetas.

É óbvio que a maneira como descrevi o que, em última análise, é uma história da Idade Moderna, não passa de um esboço sumário e extremamente simplificador de um desenvolvimento complexo. O que pretendi era apenas ilustrar a minha teoria. A análise formal e existencial de frases, que estou advogando, não pode ser aplicada de uma maneira tão rudimentar como esta. Neste contexto chamo a atenção dos senhores sobre a filosofia de Dilthey. Para este pensador deveriam ser estabelecidas ciências que pesquisam aquilo que eu chamei, no nosso contexto, de discurso, e que ele chama de "Geist", portanto Geisteswissenschaften. É o que nós aqui chamamos, muito apropriadamente, de "humanidades". Para Dilthey essas ciências têm um cunho psicológico, que creio ter evitado pela exposição que fiz aos senhores. As ciências do espírito serão, se tenho alguma razão com a minha exposição, pesquisas formais e existenciais das frases que compõem o discurso. Estas pesquisas deverão, se coroadas de algum êxito, poder iluminar a gênese e a estrutura das realidades que o discurso estabelece ao seu redor ao duvidar dos seus assuntos. As ciências da natureza não passarão, afinal, de uma pesquisa de um dado tipo de realidade, a saber daquela tipo que a conversação ocidental estabeleceu no seu discurso a partir do Renascimento.

Mas aqui devo inserir uma palavra de cautela. As "ciências do espírito" é um termo inapropriado, porque o termo "ciência" sugere um discurso progressivo, isto é, predicador de nomes próprios em direção de nomes de classes. A disciplina que tenho em mente seria um discurso reflexivo, porque predicaria nomes de classes em direção de nomes próprios, para recompor, e em vez de explicar, o seu significado. Esse discurso não consistiria de frases explicativas, como a ciência, mas de frases significadoras. Seria, com efeito, uma reflexão da língua sobre si mesma. A este tema pretendo dedicar a nossa reunião seguinte.

Bibliografia: Husserl: Untersuchungen zur Phaenomenologie und Theorie der Erkenntnis

Rickert H.: Logik des Praedikats und das Problem der Ontologie

Vossler K: Geist und Kultur in der Sprache

Cassirer E: Das Erkenntnisproblem in der Philosophie und Wissenschaft der neueren Zeit

Schrodinger E: Space-Time structure